

## Viagem ao mundo dos surdos

# A voz das MÃOS

Os quadradinhos com a tradução em língua gestual, nos noticiários televisivos, não exprimem as aspirações e a luta de uma comunidade que quer mais reconhecimento e acesso a bens e serviços. A educação dos surdos e para a realidade dos surdos tem ainda muitas batalhas por vencer.

**E**m tempos não muito longínquos, a língua gestual era algo de proibido; os surdos não tinham acesso à universidade e o seu deficiente percurso escolar remetia-os para um papel absolutamente secundário na sociedade. Hoje, a comunidade surda defende a sua autonomia e identidade, e luta por abrir novos caminhos para a sua acessibilidade numa sociedade onde a comunicação é quase tudo. A língua gestual portuguesa (LGP) é reconhecida pela Constituição (é língua oficial nacional, juntamente com o português e o mirandês), mas isso não chega.

“Imagine o que é o seu filho ter uma aula em que praticamente não tem diálogo com o professor.” Esta frase, do professor e historiador Paulo Vaz de Carvalho, resume bastante bem o principal problema da vida de um aluno surdo dos nossos dias. Segundo a Associação Portuguesa de Surdos (<http://apsurdos.org.pt>), há cerca de 120 mil pessoas com algum grau de perda auditiva, incluindo aqui a população mais idosa, que com os anos vai perdendo audição, mas destes apenas cerca de 30 mil sabem LGP, e o universo educativo não ultrapassa os mil alunos...

Fizemos uma viagem a um mundo cada vez menos silencioso e descobrimos que o gesto, sendo quase tudo entre os surdos, precisa de ser ouvido... por quem ouve.

## UM POLÍTICO

Apenas em setembro de 2013 um surdo conseguiu, pela primeira vez, ser eleito para um cargo público em Portugal: Armando Baltazar, então com 62 anos, deputado à Assembleia Municipal de Valongo, pelo Partido Socialista. Surdo profundo, bilateral, desde os 13 anos, Baltazar tornou-se rapidamente uma das principais figuras da comunidade, pelo seu dinamismo no movimento associativo. Entre outros cargos, foi um dos fundadores da Associação de Surdos do Porto, de que foi presidente entre 1995 e 2007, foi o primeiro presidente da Federação Portuguesa das Associações de Surdos (<http://www.fpasurdos.pt>), e representou o nosso país em vários congressos internacionais sobre os problemas da comunidade.

“Tenho pautado a minha vida por uma dedicação total à minoria surda, lutando contra a discriminação social de que tem sido vítima, e pelos seus direitos à educação, ao trabalho e a tudo que nos proporcione viver com dignidade”, assegura este homem, casado com uma surda profunda, pai de dois filhos ouvintes, avô de duas crianças ouvintes. Nestas condições, ele faz constantemente a ponte entre os dois mundos, algo que transporta para o cargo público que atualmente desempenha.

“No início da pré-candidatura, tive uma conversa com o atual presidente da Câmara de Valongo, José Manuel Ribeiro, um político já meu

conhecido há anos e dono de sensibilidade e contínua atenção pelo tema da inclusão, na qual lhe transmiti a minha preocupação pela necessidade de criar condições para tornar Valongo um concelho mais solidário e inclusivo, tendo-lhe então proposto a minha disponibilidade para ser provedor do Cidadão com Necessidades Especiais. Ele considerou que a minha disponibilidade e os meus conhecimentos seriam mais adequados num órgão deliberativo, e assim estou com prazer na Assembleia Municipal”, conta.

Neste papel, o deputado municipal é apologeta de uma nova política para as pessoas com deficiência: “É imperativo que o estado português adote como pano de fundo do processo de inclusão o Modelo Social das Pessoas com Deficiência, uma abordagem surgida em 1960, no Reino Unido, que chama a nossa atenção para um facto: para incluir todas as pessoas, a sociedade tem ser modificada de forma a ser capaz de atender às necessidades dos seus membros, e não o contrário.”



## Quebrar a barreira do som

**O**som, julgamos nós, ouvintes, é algo de inacessível a um surdo, a não ser que não seja profundo, a não ser que tenha um implante. É uma ideia errada. Um dos projetos mais interessantes nesta área é o coro Cantar Com as Mãos, da Universidade Católica Portuguesa, dirigido pelo maestro Sérgio Peixoto e formado por surdos. “Aconteceu há cerca de três anos, no âmbito da licenciatura em Língua Gestual Portuguesa. Eu já dirigia o coro da universidade, e achou-se interessante procurar integrar os alunos surdos de uma forma artística, com um projeto pioneiro em Portugal e na Europa”, conta o maestro, que pela primeira vez se viu envolvido com a comunidade. “É um desafio enorme. Já estou a aprender língua gestual, mas trabalho com dois intérpretes, para facilitar a comunicação, porque é necessário dar a conhecer conceitos muito abstratos”, revela, sem esconder o en-

tusiasmo de uma experiência que parece ter asas para voar. Depois do primeiro *Imagine*, já veio o primeiro fado em língua gestual (*Com que Voz*, de Amália), e diversas ideias de divulgação: com o apoio do projeto Partis, da Fundação Calouste Gulbenkian, está a ser construído um *ebook* com sinais, em LGP, relacionados com a música, que poderá ser aproveitado por escolas e professores e poderá dotar a LGP de algo que até aqui não tinha. É o produto deste trabalho com o coro, no qual cada música é discutida e analisada pelos surdos de forma a criar os gestos corretos para a sua interpretação. É provável que o *ebook* fique pronto até final de 2015. Há mais ideias em campo: um documentário de 45 minutos, sobre o projeto, com tradução em LGP e também em inglês, e a gravação de um vídeo com a interpretação do Hino Nacional em LGP, que será enviado para a

O coro Cantar Com as Mãos interpreta o fado *Com que Voz*, de Amália Rodrigues, no Museu da Electricidade, em Lisboa, em junho passado.

Federação Portuguesa de Futebol, de maneira a acompanhar os jogos da seleção. Atualmente com dez elementos, o coro Cantar Com as Mãos tem nesta altura ensaiadas meia-dúzia de músicas (cada uma leva cerca de dois meses a preparar) e teve, no início de Novembro, espetáculos em Lagos, Lisboa e Leiria. A capacidade para ultrapassar a barreira do som, que parecia algo impossível no mundo dos surdos, é ainda demonstrada por outros projetos, mesmo no nosso país. É o caso do Ritmos, o grupo de percussionistas surdos do CED Jacob Rodrigues Pereira. Neste pormenor, até há um exemplo mundial: Dame Evelyn Glennie, surda severa desde os 12 anos, é a única percussionista a solo, em tempo integral, em todo o mundo, tendo mesmo participado na cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres. Foi elevada a Dame em 2007.



## ► Muitas famílias sentem dificuldade em educar os filhos

As palavras de Armando Baltazar têm em conta toda a história sobre o lugar e a afirmação dos surdos na sociedade, com foco na educação. Embora a primeira escola de surdos no mundo tenha surgido no século XVII, em França, a luta para ultrapassar esta deficiência conheceu muitos avanços e recuos, e nem mesmo a implantação da língua gestual foi, desde logo, um dado adquirido. Em Portugal, a LGP nasceu em 1823, na Casa Pia de Lisboa, graças ao impulso de um professor sueco, que do seu país trouxe o alfabeto manual. A Associação Portuguesa de Surdos foi fundada em 1958, mas só em finais da década de 70 é que começou a ser feita uma investigação no sentido de dotar a LGP da necessária estrutura gramatical, com as características de qualquer outra língua. Em 1997, finalmente, a LGP viria a ser reconhecida pela Constituição.

A partir daqui, o estado organizou-se para que fosse possível o ensino da LGP: os intérpretes de língua gestual passaram a ser reconhecidos profissionalmente, sendo integrados em escolas de referência, e não só. Em 2005, o Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, editou o *Gestúário*, um manual de LGP, e o estado passaria a admitir o ensino bilingue, designando agrupamentos e escolas secundárias de referência para este fim. Atualmente, o país tem onze agrupamentos e doze escolas secundárias definidas para o ensino bilingue de surdos, nas seguintes localidades: Braga, Porto, Aveiro, Ílhavo, Castelo Branco, Coimbra, Riachos (Torres Novas), Vila Franca de Xira, Lisboa, Seixal, Évora e Faro.

### O ENSINO SUPERIOR

Esta rede não é suficiente, e muitas famílias, sobretudo no interior do país, continuam a sentir dificuldades para proporcionar a devida educação aos seus filhos surdos: “Quando dizem que para integrar basta um intérprete, fico assustadíssimo... As pessoas precisam é de pares com quem comunicar! Até podem ter dez técnicos à volta de um surdo, como encontrei em escolas do Alentejo: estava um surdo sozinho, desgraçado e infeliz a um canto, porque não tinha pares com quem comunicar”, lembra Vaz de Carvalho, que tem livros publicados sobre a educação de surdos no nosso país.

O historiador defende uma política diferenciada para cada deficiência, porque, diz, a passagem para o ensino superior “é uma tra-

gédia”: “É muito complicado fazer a ponte; as universidades não têm intérpretes, são os pais que têm de custear isso.”

Talvez se entenda assim a pouca expressão da comunidade surda em termos de cargos públicos de relevo. Há ainda poucos nas faculdades, embora cheguem notícias de um em psicologia, outro em medicina, outro em informática... São exceções. “É uma ascensão natural. O desenvolvimento do ensino de surdos tem pouco tempo, e acredito que eles vão lá chegar... Há alguns anos, a maior parte não atingia sequer o 12.º ano”, comenta, mais otimista, António Lopes, diretor executivo do CED Jacob Rodrigues Pereira.

O melhor exemplo de uma estrutura académica para surdos vem dos Estados Unidos: a Universidade Gallaudet é a única comunidade de aprendizagem para esta comunidade; situada em Washington, é composta por 1100 alunos de graduação e 400 estudantes de pós-graduação, todos eles surdos e deficientes auditivos. Gallaudet é um caso único no

mundo, pois os seus programas são especialmente elaborados para surdos, com cursos de bacharelato em artes e ciências em mais de 40 especializações. A universidade integra o Centro de Educação para Surdos Laurent Clerc, o qual inclui a Escola de Ensino Fundamental de Demonstração Kendall, com programas para crianças, e a Escola Secundária Modelo para Surdos, que prepara os alunos antes do ingresso na faculdade.

Trata-se de uma instituição exemplar, de ensino privado, independente, sem fins lucrativos. Gallaudet conta também com verbas federais, e este ano celebra o 150.º aniversário da lei assinada pelo presidente Lincoln, autorizando a escola a conferir diplomas universitários a alunos surdos.

### INSTITUTO DE REFERÊNCIA

Em Portugal, é impossível falar de educação de surdos sem referir a Casa Pia de Lisboa, e nomeadamente o Instituto Jacob Rodrigues Pereira, ali nas costas dos Jerónimos. O Insti-

tuto, hoje CED (Centro de Educação e Desenvolvimento), é uma referência histórica para os surdos portugueses, embora não integre, atualmente, a lista de escolas de referência. “É um paradoxo e uma contradição, mais formal do ponto de vista político do que propriamente do ponto de vista educativo. Como não pertencemos ao Ministério da Educação, mas sim ao da Segurança Social, não integramos a rede das escolas de referência”, explica o diretor do CED. Um problema de articulação que demora a resolver-se, e que entretanto vai prejudicando o histórico Jacob: “Perdemos o acesso das crianças numa fase precoce, pois são encaminhadas para as escolas de referência.”

Atualmente, o CED Jacob tem cerca de 300 alunos, um terço dos quais são surdos. Longe vão os tempos da criação do primeiro instituto de “surdos-mudos”, em 1823, quando o rei D. João VI fez chegar a Portugal o professor sueco Per Aron Borg; este instituto foi depois integrado na Casa Pia, dando origem, em 1922, ao Instituto Jacob Rodrigues Pereira. A partir dos anos 50, o

ensino de surdos teve progressos importantes, graças à ação do provedor Campos Tavares, que investiu na especialização de professores e fundou, em 1953, as novas instalações do instituto, até aí disperso por dois locais.

Neste período, a LGP desenvolvia-se de uma forma clandestina, e o Jacob apostava na educação bilingue, tendo como modelo a Universidade de Gallaudet, nos Estados Unidos. Em 1997, o instituto avançou para um novo paradigma na educação, considerando a LGP como a primeira dos surdos e instituindo decididamente o ensino bilingue. Seguiram-se passos fulcrais: a publicação do *Gestúário*, em 1992 foi o arranque de um processo que ainda hoje está vivo: “Queremos ser um centro de produção de material, indo até aos manuais de LGP, não só para Portugal mas também para os países de língua oficial portuguesa”, admite António Lopes. Paulo Vaz de Carvalho, que no Jacob coordena a unidade de investigação, também tem esse sonho: “Gostava que isto se tornasse um centro de recursos e produção de

**Deputado inclusivo.** Armando Baltazar troca impressões com a intérprete, durante um intervalo da Assembleia Municipal de Valongo.



## Em rede

A evolução tecnológica permite hoje novas soluções aos surdos de todo o mundo, sobretudo porque a internet é uma poderosíssima ferramenta de comunicação, que pode ser um exemplo de integração. Em Portugal, há vários serviços *online* para a comunidade, e merece destaque o trabalho da Eartwnd (<http://www.eartwnd.pt>), uma empresa de telecomunicações criada por dois surdos, em 2012, para ajudar, neste campo, pessoas com deficiência. A sua última aplicação para *Android*, que facilita o acesso a serviços essenciais carregando apenas numa tecla, vai certamente ser um sucesso.

O **Serviin** é um serviço integrado no **Portal do Cidadão Surdo** (<http://portaldocidadaosurdo.pt>), orientado para ajudar na comunicação com entidades e empresas diversas, com a utilização de intérpretes de língua gestual. Por exemplo, um surdo pode ter necessidade de reservar um bilhete para um espetáculo: o Serviin pode ajudar, e já tem diversas empresas aderentes, desde a Portugal Telecom ao Benfica, passando pelo Hospital de Santa Maria e pela Caixa Geral de Depósitos, por exemplo. Estão disponíveis também contactos com bombeiros, polícias, escolas, táxis, etc. Os surdos podem aceder ao serviço através de um telemóvel 3G (videochamada pelo número 12472), de uma instituição com videotelefone ou pelo *site* acima indicado.

O nível de educação da comunidade surda tem melhorado nos últimos anos, e isso permite também maior participação nestes *sites*, e mesmo a criação de alguns que são geridos pelos próprios surdos, como é o caso da **Surdo TV** (<http://www.facebook.com/surdo-tv>, informação sempre em LGP), da **Surd'Universo** (<http://www.surduniverso.pt>, editora de livros para surdos, já com um catálogo muito interessante) e o **Filmesurdos** (<http://filmesurdos2011.wix.com>, página dinamizada por um surdo apaixonado pelo cinema, que pretende colmatar a falta de soluções, a este nível, para a integração da comunidade). Eis mais algumas iniciativas e organizações de apoio à comunidade surda: **Liga Portuguesa de Desporto para Surdos**: <http://www.lpdurdos.org.pt> **Ouvir – Associação Portuguesa de Portadores de Próteses e Implantes Auditivos**: <http://www.ouvir.pt> **Por Sinal**: <http://www.porsinal.pt> **Jornal dos Surdos**: <http://www.jornal-surdos.tv>



## Ajuda, mas não cura

Consideram-se, geralmente, quatro graus de surdez, classificados consoante o nível de decibéis necessários para a captação de uma conversa, de leve a profundo. Mesmo os surdos leves necessitam de apoio, geralmente através de próteses auditivas, terapia da fala e aprendizagem da língua gestual. A tecnologia trouxe, mais recentemente, os implantes cocleares, uma cirurgia feita no ouvido interno, onde é colocado um dispositivo que presumivelmente proporciona melhor audição; é recomendada a indivíduos com surdez profunda. A novidade tem gerado alguma polémica na comunidade, porque muitos médicos acreditam que, nestes casos, a língua gestual poderá ser prejudicial no período de ativação e adaptação ao implante. “A comunidade surda tem medo de um recuo ao passado, e a classe médica, por vezes, é pouco informada... Regressa-se ao século XIX quando se diz que a língua gestual atrasa o desenvolvimento da fala. Não há estudos que provem isso. O que eu sei é que, num curto espaço de tempo, uma criança que adquire as duas línguas faz transferências linguísticas, como faz um bilingue entre o português e o inglês... Depois da maturação das duas línguas no cérebro, a criança vai usar o que sabe conforme o ambiente onde está”, diz Paulo Vaz de Carvalho, que adianta ter aprendido língua gestual desde pequeno, sem que isso lhe tenha prejudicado a aprendizagem da fala. Também Jorge Rodrigues, presidente da APS, critica a atitude da classe médica: “As crianças sofrem muito ao serem empurradas para a oralidade, a fazer a leitura labial... Temos chamado a atenção para isso, mas os médicos não querem saber, estão mais preocupados com a questão financeira, os protocolos que têm, o investimento, etc. A verdade é que, mesmo com um implante, não se deixa de ser surdo. Continuo a defender que o importante são os conceitos. Antes, ensinava-se a oralidade mas os surdos não tinham conceitos, eram como papagaios... Para mim, a aquisição de conceitos é que é importante, e faz-se com a LGP.” Armandinho Baltazar, que desempenha o seu papel de vereador municipal com o auxílio da língua gestual, foi inicialmente contra os implantes, mas admite agora que eles trazem vantagens. Sublinha, contudo: “Todo o implantado continua a ser portador de surdez, dado o implante ajudar a corrigir o problema auditivo mas não o curar, pelo que a língua gestual deverá ser uma das línguas dos implantados.”



**Bons acessos.** Jorge Rodrigues, presidente da Associação Portuguesa de Surdos, luta por maior acessibilidade da comunidade aos diversos meios e serviços da sociedade.

## ► Um dos problemas do ensino é a falta de dicionários bilingues

materiais a nível nacional, pelo histórico que tem e pelos bons especialistas e excelentes professores com que contamos.”

É uma nova era, pois, que se abre para esta instituição histórica do ensino em Portugal; alguns DVD já produzidos e o material da Academia LGP (já lá vamos) provam que o Jacob, frequentemente visitado por comitivas estrangeiras, continua a ser incontornável quando se fala de surdos em Portugal.

### A DIFICULDADE DOS EXAMES

António Lopes chama a atenção para a necessidade de rever a metodologia dos exames nacionais para os surdos: “São feitos em língua portuguesa escrita, e assim estes alunos não têm outra forma de responder que não seja a escrever... Ora, toda a gente sabe as dificuldades que eles têm nesta área, e isto acaba por levantar muitos problemas na abstração dos conceitos... A prova para um surdo deveria ser filmada, feita via LGP...”

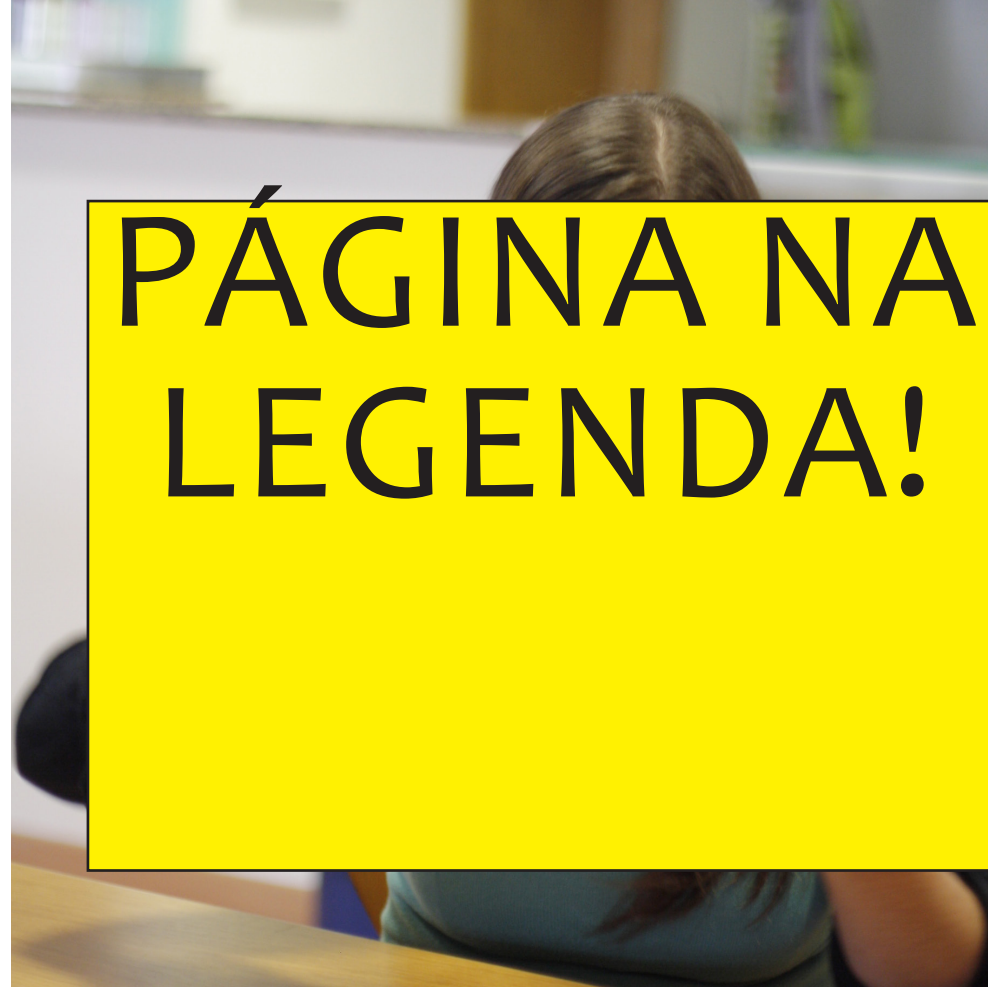
É neste sentido que caminha agora o ensino de surdos no nosso país, numa plataforma pré-faculdade. “O ouvinte tem um livro para estudar, o surdo não tem, não há livros em língua

gestual...”, explica António Lopes. Por causa disso, o CED Jacob está a trabalhar em projetos de futuro que poderão alterar bastante este estado de coisas: “Estamos a criar dicionários terminológicos e a tentar colmatar a falta de conceitos em língua gestual para muitas disciplinas.”

Paulo Vaz de Carvalho é o coordenador da Unidade de Investigação que está na base deste projeto: “Estamos a tentar dar o salto para os dicionários online... Em Portugal ainda há muito atraso nesta área. Temos umas ‘aventuras’, mas são para ouvintes, não para surdos: as entradas são todas pela palavra, partem do princípio de que um surdo sabe ler e escrever como um ouvinte... Um dicionário bilingue tem de ser bidirecional, e nos casos que conhecemos só há uma entrada em português com correspondência em língua gestual. A ideia é começarmos a fazer entradas através dos parâmetros gramaticais da língua gestual.”

Estes projetos têm agora uma face visível na Academia LGP, uma página *online*, alojada no Sapo, que disponibiliza gratuitamente, aos alunos do segundo e do terceiro ciclos, videoaulas em português falado e em LGP. O projeto

# PÁGINA NA LEGENDA!



**Outras ideias.** Helena Garrinhas (segunda a contar da esquerda, na foto da página 48), será, dentro em pouco, uma das primeiras psicólogas surdas em Portugal.

é antigo, mas só recentemente ganhou visibilidade, graças a um protocolo entre a Casa Pia de Lisboa e a Fundação PT: “Começou há dez anos, mas nunca houve investimento, até termos, agora, o apoio da Fundação PT... Quando vim para aqui, fez-me impressão ver que os professores de matemática, história, físico-química... não tinham léxico para lecionar estas disciplinas... A criação de léxico é uma coisa muito complicada, e daí só agora estarmos a começar”, explica Vaz de Carvalho, empenhado na criação de DVD para cada disciplina curricular e, nesse sentido, na criação do léxico em falta para as matérias a ensinar. A Academia LGP é a “menina dos olhos” deste professor, que também faz parte do Núcleo para a Língua Gestual Portuguesa, criado pelo Governo, e espera que das funções deste núcleo faça parte a certificação do léxico, que pode abranger os outros países de língua oficial portuguesa.

### PSICOLOGIA DO SILÊNCIO

O universo de alunos surdos em Portugal é, contudo, relativamente pequeno, e isso tem obstado às apostas das mais importantes editoras do setor educativo. Os últimos índices apontam para um universo escolar de cerca de 800 alunos; destes, poucos (dez por cento, talvez menos) chegam à faculdade. Há poucos anos, a maior percentagem seguia para os cursos

de Belas Artes, por uma razão lógica: são mais visuais. Atualmente, o cenário está a mudar, e os alunos que chegam mais longe começam a sentir-se suficientemente confiantes para aspirarem a outras áreas.

Helena Garrinhas, de 27 anos, surda profunda desde os dois, optou por psicologia, depois de uma experiência pouco feliz em arquitetura. Atualmente, frequenta o mestrado em psicologia clínica e de aconselhamento na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) e prepara a tese, intitulada *Contributo para a Validação da Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda – Estudo de Tradução, Adaptação e Aplicação*.

O seu caso é exemplar. “Para mim a palavra mais importante é ‘resiliência’”, sublinha, e isso traduz, de facto, a sua força de vontade num percurso escolar iniciado em Vila Franca de Xira, numa escola de ouvintes; só a partir do 10.º ano se integrou numa turma de surdos. Ao entrar para a universidade, sentiu todas as dificuldades previsíveis: na turma de arquitetura, era a única surda entre 40 alunos, e foram muitos os problemas de comunicação. “Na faculdade faltam apoios: não há intérpretes, e é difícil requisitá-los, devido à questão financeira.” Resiliência, pois. Agora, em psicologia: “Percebi que é uma área apaixonante, pela qual, no futuro, poderia comunicar com pessoas surdas”.

Helena será, dentro de pouco tempo, uma

das primeiras psicólogas surdas em Portugal. “Há outras pessoas que ainda não completaram o curso, e estamos agora quase a começar a primeira experiência profissional”, adianta, visivelmente entusiasmada por ir desempenhar um papel de verdadeira acessibilidade para a comunidade surda. “A maior parte dos psicólogos, ao fazerem avaliação, fazem-no como se fosse para os ouvintes, e é necessário mudar esse entendimento; os testes têm de ser adaptados para os surdos, pois isso influencia os resultados.”

### ACESSIBILIDADE

É de acessibilidade que também fala Jorge Rodrigues, presidente da Associação Portuguesa de Surdos (APS). Aos 35 anos, este surdo profundo de nascença, licenciado em LGP, dedica-se totalmente à defesa dos interesses da comunidade. “Lutamos para que haja o mínimo de condições de acessibilidade. Ajudamos na formação, na utilização dos intérpretes de LGP, por um acesso melhor ao emprego, às instituições, às lojas, aos cinemas, à segurança social, etc.”. Na sua nova sede, no Lumiar, estreada em outubro (a anterior, na Avenida da Liberdade, já não reunia as condições necessárias), a APS fornece diversos serviços de apoio à comunidade: “Damos acompanhamento médico, ajudamos nos exames para a carta de condução, no acesso ao intérprete de LGP, informamos sobre legislação, damos aconselhamento e encaminhamento aos pais para as escolas onde colocar os filhos.”

É um trabalho fundamental, o desta associação com cerca de 2000 sócios (“trezentos activos”, sublinha Rodrigues), na qual a língua gestual é defendida com todas as forças: “Já há professores de LGP nas escolas. No entanto os cursos estão sempre atrasados, e nós queríamos que fossem tratados como todos os outros, para que as crianças comecem a aprender de uma forma decente, não tardia. Por vezes, coloca-se o intérprete de LGP em sala de aula, mas será que as crianças aprendem através do intérprete ou através da língua gestual? Continuamos a ter falta de professores de LGP.”

O presidente da APS calcula existirem cerca de 80 surdos com licenciatura, vinte deles com mestrado. É, apesar de tudo, uma evolução, comparativamente a um período em que poucos chegavam ao secundário. Admite, porém, que ainda há muitas conquistas a fazer, por exemplo no que respeita às legendas na televisão, no cinema e no teatro: “Agora, já há intérprete de LGP nos noticiários televisivos, mas... e os surdos que não dominam a LGP? Era importante as legendas, para se saber o que se passa no mundo... E no cinema? Pensa-se nas dobragens, no lucro, e neste aspeto os surdos sentem discriminação.”

J.S.